



**UNIVERSIDADE
EDUARDO
MONDLANE**

**FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA**

Trabalho do fim do curso

**Afirmação da identidade na prática da Prostituição na Rua do Bagamoyo, na Cidade de
Maputo**

Projecto de pesquisa submetido ao Departamento de Arqueologia e Antropologia, da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Antropologia.

Autor: Alberto José Mahumana

Supervisor: Danúbio Lihahé

Maputo, Abril de 2016

Afirmação da identidade na prática da Prostituição na Rua do Bagamoyo na Cidade de Maputo

Projecto de pesquisa submetido ao Departamento de Arqueologia e Antropologia, da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Antropologia.

Autor: Alberto José Mahumana

O Presidente

O supervisor

oponente

Maputo, Abril de 2016

Declaração de Honra

Declaro por minha honra que este relatório de pesquisa é resultado da minha investigação pessoal, nunca foi apresentado na sua essência para obtenção de qualquer grau acadêmico, estando indicadas na bibliografia as fontes que utilizei.

(Alberto José Mahumana)

Dedicatória

*Dedico este trabalho à minha querida mãe,
Por me ter nascido, criado e educado com todas as dificuldades,
Até me tornar num homem íntegro, capaz de lutar pelos meus
Objectivos e enfrentar todas as dificuldades, muralhas e barreiras,
O meu muito obrigado, mãe!*

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradecer à Deus por me dar saúde, força e por estar comigo a todo momento, e durante toda a minha formação.

Agradeço ao Dr. Danúbio Lihaha, meu supervisor pelo apoio, incentivo durante a realização do trabalho e por me receber de mãos abertas para trabalhar comigo. A sua ajuda foi de extrema importância, tanto o encorajamento para a concretização deste trabalho duramente todos os meses da sua elaboração. Os meus agradecimentos são extensivos a todo corpo docente do Departamento de Arqueologia e Antropologia, especificamente Dr. Emídio Gune e Dr. Alexandre Mate. Ao Departamento de Sociologia meu muito obrigado ao Dr. Baltazar Muianga, por me ter transmitido uma parte da sua experiência e seu conhecimento durante a minha investigação.

A minha mãe Joana Alfredo Manhiça eterna gratidão por me ter trazido ao mundo, pela educação, afecto, amor, encorajamento. Minha irmã Percy José Santana agradeço pelos ensinamentos, pela força, financiamento e os melhores momentos que passamos juntos praticamente é segunda mãe pra mim cresci em seus braços.

Meu agradecimento também para Argentina Maolela pelas correcções e revisão linguística no trabalho. Gostaria igualmente de agradecer aos meus colegas da turma de Antropologia de 2012, especialmente ao meu colega de carteira Abílio Pedro Galengale, pelos comentários, Toscano Cole, Cláudio Artur, Ernesto Nhanguilunguane, Vitorino Mangação, os meus agradecimentos estendem-se ao grande companheiro Augusto Malo, pela ajuda no local da pesquisa.

À todos guardas dos estabelecimentos como: Permar, Topfrio, Kudumba ao longo da Rua do Bagamoyo pela força, confiança e os amigos da G4S que trabalham nesses estabelecimentos.

Às participantes e os participantes deste estudo, por terem compartilhado suas experiências comigo, extendo a minha enorme gratidão!

Resumo

O presente estudo tem como campo de análise a prática da prostituição, com enfoque na questão da construção e afirmação da identidade entre mulheres praticantes de prostituição e os riscos que essa prática oferece. O local de estudo é a baixa da Cidade de Maputo, na “Rua do Bagamoyo”. O risco na prostituição está relacionado com a própria prática do acto sexual, no local onde se exerce a actividade porque as praticantes são aliciadas com o aumento de dinheiro à fazer relações sexuais sem o uso do preservativo estando mais vulneráveis para a contaminação de doenças sexualmente transmissíveis como o caso do HIV/SIDA, DTS, gravidez indesejada entre outras. Outro factor de risco nessa actividade está relacionado com os assaltos do dinheiro que as prostitutas sofrem em plena rua e também as agressões por parte de clientes que solicitam os seus serviços em suas residências ou em pensões distantes da “Rua do Bagamoyo”.

O trabalho analisa, ainda, qual é o autoconceito das prostitutas da “Rua do Bagamoyo” como é que elas se identificam na sua actividade de prostituição e como fazem a gestão dos riscos nos quais estão expostas no seu local de trabalho. Foi possível notar através dos dados pesquisados com base no método etnográfico aliado à observação directa, entrevistas semi-estruturadas e com recurso à histórias de vida, que o motivo da prática da prostituição é relativo para cada prostituta e que nem sempre a causa é a falta de dinheiro ou falta de emprego que as leva ao ingresso na vida de prostitutas, mas sim pelo desejo de querer liberdade e diversão, acabam sendo aliciadas pelas amigas que já estão nessa actividade há longo tempo.

A partir da análise de algumas práticas e costumes que estas prostitutas têm desenvolvido na “Rua do Bagamoyo”, foi possível compreender que a identidade da prostituta é uma construção social com uma certa negociação pessoal de outras identidades do seu quotidiano, pois, essa prostituta é mãe, esposa, namorada, filha, estudante, crente, etc. Mas no momento em que se faz presente na sua actividade ela considera-se “puta”, vendedora de sexo.

Palavras-chave: *Prostituição, Identidade, Risco.*

Lista de abreviaturas

DTS - Doenças de Transmissão Sexual.

FADM - Forças Armadas de Defesa de Moçambique.

FRELIMO - Frente de Libertação de Moçambique.

HIV - (Em inglês) - Vírus de Imunodeficiência Humana.

ITS - Infecções de Transmissão Sexual.

ONU - Organização das Nações Unidas.

SIDA - Síndrome de Imunodeficiência Adquirida.

VIH - Vírus da Imunodeficiência Humana.

Glossário

Bater.....Expressão usada pelas prostitutas ou (*jovens*) para se referir às relações sexuais.

Bater Papo.....Expressão usada para designar conversa ou dialogar.

Bradas.....Expressão usada para designar amigos ou amigas. Este termo deriva de uma modificação do termo inglês *brother*.

Broche.....Sexo oral que consiste em estímulo dos genitais com a boca e língua. Quando é feito no homem normalmente é chamada felação/Fellatio e quando é feito na mulher se chama cunilíngua/Cunnilingus.

Curtir.....Expressão usada para designar alguém que se encontra a conviver.

Dar gás.....Expressão que se usa para designar alguém que sai de um lugar para um outro distante ou perto.

Foder.....Calão que as prostitutas usam para se referir a fazer ou manter relações sexuais.

Mulato.....É um termo que designa a pessoa que é descendente da mistura do negro e branco.

Nice.....Expressão inglesa usada como sinónimo dos termos bem ou bom ou estar bem.

Putá.....Expressão usada para designar uma mulher que vende o próprio corpo para prática de sexo em troca de valores monetários ou outros bens.

Punheta É uma palavra informal referindo-se ao onanismo acto de estimulação manual de um pênis masculino por um parceiro sexual, seja do sexo feminino ou masculino.

Tako.....Calão moçambicano que é usado pra designar a palavra dinheiro.

Transar.....Expressão brasileira que se refere ao acto de manter relações sexuais que entrou na gíria popular com a influência da cultura brasileira em Moçambique.

Xitiqui.....Convívio que é feito através de contribuição de dinheiro entre familiares, amigos, conhecidos, vizinhos entre outros.

Índice

CAPÍTULO I	1
1. Introdução	1
1.1 Justificativa e Pertinência.....	3
CAPÍTULO II	4
2. Revisão da literatura	4
2.1 Problemática	7
CAPÍTULO III.....	9
3. Breve Historial da Prostituição	9
3.1 Prostituição em Moçambique.....	10
CAPÍTULO IV.....	11
4. Enquadramento Teórico e Conceptual	11
4.1. Quadro Teórico	11
4.2 Conceptualização	12
4.2.1 Concepções acerca da identidade.....	12
4.2.2 Prostituição	13
4.2.3 Risco	14
4.2.4 Percepção do Risco	14
4.2.5 Gestão do risco.....	15
CAPÍTULO V	16
5. Metodologia	16
5.1 Métodos e Técnicas.....	16
5.2 Dificuldades Durante o Trabalho de Campo.....	18
CAPÍTULO VI.....	19
6. Apresentação e Análise de Resultados.....	19
6.1 O local de estudo.....	19
6.2 O dia-a-dia das Prostitutas da Rua do Bagamoyo	19
6.3 Motivação para a prática da prostituição	20
6.4 Afirmção e legitimação da identidade nas prostitutas da rua do Bagamoyo.....	22

6.5 Estratégias de Manipulação dos preços	24
6.6 Factores de risco na prostituição.....	25
6.7 Percepções do risco na prostituição	28
6.8 Mecanismos de gestão e manipulação dos riscos	30
Considerações Finais	31
Referências Bibliográficas	33

CAPÍTULO I

1. Introdução

O estudo da prostituição tem sido analisado em diversas perspectivas, incluindo a análise deste fenómeno sob o ponto de vista do risco de contaminação pelo HIV/SIDA e pelas DTS's. No entanto, neste trabalho, propomo-nos analisar e compreender a prostituição num contexto de construção de identidades e de vivência com os riscos derivados da sua prática. Os dados de campo derivam de uma pesquisa realizada na baixa da Cidade de Maputo, mais concretamente na “Rua do Bagamoyo” local histórico e de maior exercício da prática da prostituição onde podemos encontrar as prostitutas de dia e de noite.

O trabalho tem por objectivo compreender a identidade das prostitutas da “Rua do Bagamoyo”, como é que elas se identificam nessa actividade e como definem as suas colegas que estão no mesmo exercício da prática prostituição.

Em termos específicos, este estudo tem por objectivos: i) analisar o dia-a-dia das prostitutas da “Rua do Bagamoyo”, procurando entender as suas motivações para a prática da prostituição; ii) procurar perceber como é feita a prática desta actividade, olhando para as estratégias de manipulação, afirmação, legitimação profissional e identitária entre as praticantes; e iii) simultaneamente identificar os factores de risco, as percepções e a gestão por elas feita.

Na perspectiva de Oliveira (2008) no que se refere ao conceito do nome prostituta, encontramos definições tais como: do latim prostituta, meretriz¹. Na compreensão de Ceccarelli (2008) na comercialização sexual, o que caracteriza a prostituição é que elementos sentimentais como afecto e paixão devem estar ausentes em pelo menos num dos protagonistas do acto sexual.

Nesta profissão dita como “a mais antiga do mundo” na maioria das vezes as prostitutas trocam sexo por dinheiro, mas pode se fazer relações sexuais por favores profissionais, informações, bens materiais e muitas outras coisas (idem).

Os estudos do Guilam (1996) referem que as ciências sociais vêm estudando o risco no sentido de como o indivíduo percebe as situações de risco, seja como cidadão, seja como trabalhador.

¹Mulher que comercializa o acto sexual, ou mulher que tem relações sexuais para em troca receber algum valor (dinheiro).

Para os cientistas sociais, as avaliações de risco não podem deixar de lado factores subjectivos (éticos, morais, culturais) que direccionam opções dos indivíduos.

Lihahé (2004) afirma que os riscos são produto duma construção social, embora aceite a visão probabilística do aleatório, seguindo a linha de autores como Douglas e Wildavsky (1982) que entendem que a percepção do risco é uma construção colectiva e que as pessoas fazem suas escolhas de acordo com os valores determinados pela cultura dos grupos aos quais pertencem. No entanto, para Slovic (2001) a relação risco ou a resposta ao risco passa por vários factores relevantes para a compreensão de como o indivíduo percebe e responde aos riscos, porque a percepção de risco é real e que afecta as decisões do indivíduo.

A identidade na prostituição tem sido pouco abordada, mas é algo muito importante para que se saiba quem são essas prostitutas, de onde vem, como se inseriram nessa actividade e como podem ser identificadas e classificadas. Para Liesegang (1998:117) identifica-se uma pessoa com relação ao seu espaço mais relevante no momento referido, mas o actor continua a ser individualizado. O outro pólo neste sistema de referências e declarações de pertenças é o generalizante. Neste, referimo-nos à macro-grupos e categorias de pessoas. Trata-se de declaração à pertença de um indivíduo à um ou mais macro-grupos sociopolíticos ou à categorias de estatuto social. Podemos chamar isso de identificação sociopolítica. A identidade está relacionada a territorialidade física ou social.

Há grupos ou identidades de referência que conferem a identidade e indicam códigos de comportamentos apropriados a esta identidade. Neste caso, a identidade escolhida depende um pouco do contexto e da situação. Constatam-se qualidades reais ou supostas de actores sociais que são critérios para atribuir um indivíduo a um certo grupo ou espaço (idem).

Segundo Cuche (1999) A identidade remete à uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas. A identidade social de um indivíduo caracteriza-se pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social: vinculação à uma classe sexual, à uma classe de idade, à uma classe social, à uma nação.

Continuando com a ideia do mesmo autor, a identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente. Mas a identidade social não diz respeito unicamente aos indivíduos. Todo grupo é dotado de uma identidade que corresponde à sua

definição social, definição que permite situá-lo no conjunto social a identidade social é ao mesmo tempo inclusão e exclusão: ela identifica o grupo (são membros do grupo os que são idênticos sob um certo ponto de vista) e o distingue dos outros grupos (cujos membros são diferentes dos primeiros sob o mesmo ponto de vista) (Cuche 1999: 177)

1.1 Justificativa e Pertinência

A pesquisa sobre prostituição apresenta-se pertinente, na medida em que aborda acerca de um fenómeno que já é antigo e sempre presente em nossa sociedade moçambicana: a prostituição de rua. Este trabalho foi realizado na "Rua do Bagamoyo", e a escolha desse local para pesquisa foi pelo facto da "Rua do Bagamoyo" constituir um lugar histórico e o mais antigo centro de prostituição em Moçambique. Neste caso, poderíamos encontrar maior número de praticantes dessa actividade com diferentes tipos de idades ou também com muito mais anos de experiência nessa vida.

Nesta pesquisa pretendemos compreender e analisar como as prostitutas se definem ou como elas identificam-se nessa actividade, sob o ponto de vista da perspectiva de construtivista, mas também analisar qual é a percepção do risco e qual a gestão que as mesmas têm dos riscos na prostituição, sendo que as prostitutas exercem a actividade sexual frequentemente e podem estar mais vulneráveis à contaminação e propagação de doenças sexualmente transmissíveis sobre tudo o HIV\SIDA que também pode ser transmitido através do consumo de drogas com o uso do mesmo objectos como seringa de injeção ou outros elementos que contribuem para o aumento da vulnerabilidade das doenças.

Tendo em conta que essa actividade tem maior fluxo no período nocturno o que permite maior circulação de diversos indivíduos que vendem as drogas no espaço da prostituição, e também essa prática envolve numerosas prostitutas e cada dia existem novas mulheres nessa actividade como adolescentes, estudantes e mulheres divorciadas, viúvas com diferenças culturais algumas vezes as prostitutas fazem-se presentes na rua sob efeito de álcool ou mesmo bebem no local da actividade.

CAPÍTULO II

2. Revisão da literatura

De acordo com Andrade (2011) A (ONU) define a prostituição como o “processo em que as pessoas mediante remuneração de maneira habitual, sob quaisquer formas, entregam-se às relações sexuais normais ou anormais com pessoas do mesmo sexo ou do sexo oposto, durante todo o tempo” completa a definição dizendo que o acto sexual comercial é como qualquer acto sexual, em que algo de valor seja dado ou recebido por alguém

A prostituição deve ser vista como um espaço real de resistência ao ideal da mulher frágil e submissa e por outro lado revela-se também como produto dos valores morais que presidem a sociedade do século passado o que a situa ao mesmo tempo contraditoriamente como um espaço de reação e de manutenção destes mesmos valores (Engel, 2004:27)

De acordo com Engel (2004) Prostituição é o espaço social que rompe com a imagem ideal de mulher construída em torno do casamento e da concepção-maternidade, a prostituição rompe com os níveis de aceitação da sexualidade feminina e também se configura como uma prática que rompe com o comportamento socialmente esperado da mulher, com os papéis normativos, tradicionais de casamento da sexualidade vista como sadia de mãe e de esposa, espaço para a prática da sexualidade sadia.

Anima Basak citado por Andrade (2002) diz que a prostituição significa a dominação machista sobre a mulher, que tem um corpo considerado como explorável, essa mulher troca esses favores sexuais por dinheiro ou outros bens, não pode haver prostituição com apenas uma pessoa.

Na perspectiva do Alves e Martelli (2011) a prostituição feminina é vista na mulher que apresenta comportamento desviante, em função de não usar sua sexualidade apenas para a reprodução ou satisfação pessoal no reforço da intimidade da casa. O discurso sobre o sexo foi formulado a partir de duas visões básicas e antagônicas entre si: de um lado, no universo da prostituição, reina a ideia de sexualidade doente e lugar de perversões; de outro, a do casamento, um espaço higiênico e único onde é permitido manter uma sexualidade sadia.

Liesegang (1996:114) o estudo do “outro” faz também parte do estudo antropológico da cognição, das relações sociais, da construção das identidades, o termo construção da identidade

descreve o que se pode chamar registo ou exploração de contratos sociopolíticos em determinadas situações. O termo construção de identidade descreve o que se pode chamar “registo ou exploração de uma realidade existente” e proposta de negociação de contratos sócio-políticos em determinadas situações.

De acordo com Pina Cabral (2003) a identidade pessoal é o conjunto de objectivações coisas tais como estatutos relações interpessoais formas de falar vestir e comer que determinam o relacionamento de uma pessoa com outras na apropriação social do mundo. O self isto é, a forma como a memória cria um sentimento de unicidade e durabilidade que, dialogando com as objectivações que constituem a identidade pessoal permite à pessoa construir um nexos de interesses e reacções que reforçam ou adaptam a identidade pessoal.

A identidade pessoal é construída a partir destas identificações ou diferenciações e é como reacção à memória delas em conjugação com as objectivações da identidade pessoal que rodeiam a pessoa que se constitui o self (idem).

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor do um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direcções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (Hall 2011:13)

Na percepção de Castells (1999) as identidades são construídas, ainda que essa construção social sempre ocorre em um contexto marcado por relações de poder e propõe uma distinção entre três formas e origens de construção de identidades: Identidade legitimadora; Identidade de resistência tipo mais importante de construção de identidade em nossa sociedade, e identidade de projecto, que para nós, é a nova identidade a ser conquistada.

Segundo Dubar (2006:84) as identidades profissionais são maneiras socialmente reconhecidas para os indivíduos se identificarem uns aos outros, no campo do trabalho e do emprego. Identidades profissionais como configurações no eu e nós e que podem ser identificadas e detectáveis no campo das actividades de trabalho remuneradas.

A construção de identidade alimenta-se de trajectos sociais incorporados nos agentes da posição ocupada por estes na estrutura social (na medida em que ela determina e configura contextos de sociabilidade e de socialização duráveis) (Madureira Pinto 1991: 120).

De acordo com Castells (1999) identidade é um processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados quais prevalecem sobre outras fontes de significado, a identidade colectiva do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construído.

Segundo Granjo (2004) risco é uma ameaça domesticada, na tripla vertente de uma apropriação quantitativista que apresenta como cognoscível, de uma sua previsão probabilística e da assunção de controle sobre o aleatório. No entender do (Zanirato et al, 2008) risco é um produto social cuja percepção é subjectiva e técnica que envolve especialistas que o diagnosticam, mas deve mobilizar também especialistas em comunicar seus efeitos ao público.

Carapinheiro (2001) diz que o risco é uma possibilidade em termos de cálculos probabilísticos, de um perigo eventual ocorrer, ou a expectativa de um evento negativo ocorrer. Enquanto que na perspectiva do Kolluru (1996) risco é uma função da natureza do perigo, acessibilidade ou acesso de contacto potencial de exposição características da população exposta receptores, a probabilidade de ocorrência e a magnitude da exposição e das consequências.

Na opinião do Herculano et al (2000:286) o risco é como um evento adverso, uma actividade, um atributo físico, com determinadas probabilidades objectivas de provocar danos, que podem ser estimados através de cálculos quantitativos de níveis de aceitabilidade que permitem estabelecer Standards através de diversos métodos (predições estatísticas, estimacção probabilística do risco, comparações de risco benefício análises psicométricas)

November (2002:19) citado por Zanirato (2010:20) considera risco como “qualquer coisa de potencial ou seja que ainda não aconteceu, mas que é pressentida como algo que se transformará num evento prejudicial para os indivíduos ou colectividade de um dado espaço”.

2.1 Problemática

A prática da prostituição tem sido algo existente em todas sociedades onde no exercício dessa actividade podemos encontrar grupos de mulheres prostitutas umas e outras buscam mecanismos de sobrevivência vendendo seu corpo. A prostituição é uma actividade não reconhecida legalmente ainda no país, portanto qual seria a identidade das mesmas nessa actividade.

A construção social da identidade faz com que o indivíduo se identifique no seu espaço social onde será reconhecido com todo o resto da colectividade, desde a época tradicional quando ainda a identidade era transmitida como herança cultural para que as pessoas tivessem traços de sua cultura assim, a posição do sujeito socializado é de produzir uma imagem de um indivíduo que tenha uma origem cultural semelhante à sua colectividade.

Os estudos de Barreto e Prado (2010) revelam que se pretendemos entender a identidade da prostituta precisamos entender antes como esta actividade se organiza, quais as regras e normas que a perpassam, quem são seus personagens, entre outros. Considerando que a prostituição é uma actividade marcada por diversidades de lugares, pessoas, espaços, regras, representações cada um destes aspectos interfere de uma forma diferente na identidade.

A construção da identidade consiste em um projecto de uma vida diferente, talvez com base em uma identidade oprimida, porém expandindo-se no sentido da transformação da sociedade como prolongamento desse projecto de identidade (Castells1999:26).

De acordo com os autores acima a identidade surge através de numa construção que visa transformar um individuo numa outra personalidade diferente da vida que tinha no passado mas projectando o futuro com uma nova identidade que ira tornar o individuo reconhecível na sua colectividade e o seu quotidiano na colectividade.

A identidade colectiva no trabalho é uma inovação, uma criação (sainsaulieu) que implica um processo de elaboração de negociação de regras e normas, de referências comuns. Este processo inclui necessariamente uma parte de conflito, mas também de cooperação, de avanços e recuos de compromissos e riscos (Dubar, 2006:108).

No entanto Florêncio (2002:42) diz que identidade de um grupo social é um aspecto dinâmico que varia consoante os contextos específicos, os grupos humanos não são unidades estáticas, existindo variações no modo de inserção, participação e conceptualização dos diferentes

indivíduos, ou subgrupos, que constituem um determinado momento histórico, o grupo mantém aproximação com restante sociedade envolvente, isto é, com outros grupos.

Por outra a identidade pode ser negociada e integrada num determinado momento em que o indivíduo encontra-se a realizar uma determinada função ou tarefa no processo de interação social com ou outros indivíduos ou seja a identidade é uma construção que passa por um processo de gestão.

A identidade construída num determinado espaço cria forma de representação dos indivíduos tendo em conta a vários intercâmbios de cada dia, essa identidade parte de uma negociação com a personalidade e de uma gestão de múltiplas das identidades do quotidiano.

Ainda seguindo a ideia do Cuche (1999) A identidade é uma construção social e não um dado, se ela é do âmbito da representação, isto não significa que ela seja uma ilusão que dependeria da subjectividade dos agentes sociais. A construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas.

Posto isto, este trabalho levanta como pergunta de partida a seguinte: quais são os mecanismos adoptados pelas prostitutas da “Rua do Bagamoyo” para afirmarem as suas identidades na prostituição, face a um contexto de riscos profissionais?

CAPÍTULO III

3. Breve Historial da Prostituição

O primeiro registro sobre a prostituição foi há dois mil anos a.C., na antiga Suméria. A prostituição, na antiguidade, era interligada a cultura, a religião e a sexualidade, e por isso, o sexo era a sagrado (Durigan e Nóia, 2007) citado por Gois (2008)

Segundo Ceccarelli (2008:1) A representação social da prostituta varia segundo a época e a cultura, nem sempre foi acompanhada do estigma que o Ocidente lhe atribui. Nas sociedades em que a propriedade privada inexistia e a família não era monogâmica, por exemplo, o sexo era encarado de forma bem diferente que a nossa, e ao que tudo indica, não havia prostituição.

Na Grécia antiga, havia as hierodule, mulheres sagradas que ofereciam serviços sexuais em ocasiões especiais, mas não correspondiam exatamente ao que entendemos por prostitutas. Eram vistas como a encarnação de Afrodite e respeitadas pela população e pelos governantes por evocarem o amor, o êxtase e a fertilidade. Embora fossem escravas como as deikteriades (prostitutas cujos donos eram cidadãos comuns) tinham mais regalias que elas (Ceccarelli 2008:2)

Na antiga civilização grega, a prostituição fazia parte da paisagem cotidiana, era um meio de obtenção de rendimento igual a qualquer outro e uma prática controlada pelo estado. As prostitutas deviam pagar altos impostos e vestir-se de forma a serem identificadas como tal

Segundo Richards (1990) citado por Gois (2008) Na Idade Média, as prostitutas eram parte integrante da vida urbana. As mulheres entravam na prostituição por razões de pobreza, perda de status, um passado familiar perturbado, violento e incestuoso. Entretanto para Frago (1965:633) com o advento do cristianismo a prostituição foi a princípio, severamente proibida e punida. Porém, os Concílios sob influência de grandes doutrinadores, como Santo Agostinho, passaram a considerar a prostituição um mal necessário.

A Revolução Industrial trouxe um elemento significativo à prostituição, pois as mulheres tiveram de enfrentar condições desiguais no trabalho em relações aos homens. Prostituir-se em troca de favores, de melhores condições de vida, revelou-se uma opção (Ceccarelli, 2008:4)

Goffman (2002) defende que a prostituição é fruto das transformações sociais, decorrentes do início da Revolução industrial na Europa, século XVIII, como “resultado do processo do exôdorural, migração. Por isso, a prostituição antes de ser um acto desviante, é de facto um problema que começa com o desenvolvimento das sociedades e das cidades”.

Nesta época, a situação das prostitutas refletia as lutas que estavam ocorrendo em toda sociedade. Os bordéis começaram a ser associados - no que diz respeito às autoridades - à dissensão e desordem públicas, pois era o lugar onde as pessoas da classe trabalhadora podiam se reunir e expor suas queixas. Na segunda metade do século XIX, muitas cidades e vilas francesas viram seus distritos de prostituição reduzidos a “ruas quentes” (Roberts 1998:122)

3.1 Prostituição em Moçambique

Para Nambale (2009) em Moçambique a prostituição vem desde a tempo colonial, embora o governo português não tenha legalizado mas dava grande cobertura a prática da prostituição. Na antiga Rua Araújo, havia grandes casas, bordéis de prostituição onde eram encontradas raparigas de origem europeia de rara beleza para atraírem os homens, negócios legais de porta aberta. As prostitutas eram praticamente todas brancas, a maioria francesas e sul-africanas.

De acordo com Ma-schamba (2010) na Rua Araújo o negócio da noite não era só para os ricos, era socialmente círculo vertical os bares, cabarets e salas de jogo a Rua anualmente atendiam milhares e milhares de marinheiros, viajantes, homens de negócios, vindo de lugares diferentes pelo porto e no caminho-de-ferro. Segundo Muianga (2009) na Rua Araújo havia uma tabela de preços, por hora ou por noite. Esta prática também era visível nos bairros periféricos de Caniço Mafalala, Xipamanine, nos anos de 1940 e 50, onde se concentrava a população indígena.

Com a “chegada da independência no país, o governo do partido Frelimo tenta construir uma nova sociedade, prostitutas e todos improdutivos foram levados para o campo, considerados fonte de instabilidade social e delinquência nas grandes cidades, Muianga (2009).

Ma-schamba (2010) afirma que depois da independência de Moçambique as novas autoridades políticas tentaram inverter o cenário banindo terminantemente a prática da prostituição foram sumariamente fechadas as casas de e os bordéis em todo o território nacional, as profissionais do sexo foram encarceradas e algumas enviadas aos campos de afirmação na província de Niassa.

CAPÍTULO IV

4. Enquadramento Teórico e Conceptual

4.1. Quadro Teórico

O presente trabalho baseou-se na perspectiva construtivista social, adoptando assim, a proposta de análise da produção de sentidos e significados da construção das identidades na prostituição, uma construção social é um empreendimento colectivo, precisamente interactivo por meio do qual as pessoas constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com situações e fenómenos à sua volta.

Segundo Becker (1994) o construtivismo não é uma prática nem um método, mas uma teoria que permite conceber o conhecimento como algo construído e constituído pelo sujeito através de sua acção e da interacção com o meio.

O conceito de identidade ajuda na materialização deste trabalho, pelo facto de olhar para as transformações que a prostituta passa durante a sua interacção com as outras, possibilitando criar características da sua identificação semelhantes a outras prostitutas. Assim, a identidade é construída, condicionada e reconhecida possibilitando a inserção da prostituta ou indivíduo na vida colectiva social.

As identidades são construídas de acordo com o ambiente em que o indivíduo se encontra inserido como afirma o autor Hall (2011), caracteriza sujeito pós-moderno a partir de um processo de construção da identidade histórico e constante. Ele pode assumir identidades diferentes em ocasiões diversas e estas podem ser até contraditórias.

Segundo Madureira Pinto (1991: 119) é importante não se perder nunca de vista que as identidades sociais se constroem por integração e por diferenciação, por inclusão e por exclusão, por intermédio de práticas e confirmação e de práticas de distinção classistas e estatuário, e que todo este processo, feito de complementaridade, contradições e lutas, não pode senão conduzir numa lógica de jogo de espelhos, identidades impuras, sincréticas e ambivalentes.

Segundo Woodward (2000) a identidade se constrói pela diferença e pela exclusão, a primeira perspectiva que se deve ter é a de que a identidade é relacional, ou seja, a identidade para existir depende de algo fora dela. No caso das prostitutas a linguagem usada, as roupas curtas que

deixam as pernas expostas mostrando os contornos do seu corpo, os seus gestos fazem parte da construção de identidade de prostituta, como também a aparência e a performance sensual demonstra gestos e falas uniforme entre elas.

Para compreender o processo de construção identitária nessa actividade de prostituição é necessário entender as percepções e significados que este grupo tem acerca do local onde tem desenvolvido a sua actividade e também, como uma e outra se auto-identifica a si mesmas e aos colegas que estão na mesma actividade.

4.2 Conceptualização

Para a realização do trabalho, deu-se primazia a três conceitos-chave que dão alicerces a pesquisa que são: *prostituição, identidade, risco*.

4.2.1 Concepções acerca da identidade

Segundo Hall (2011) distingue três concepções acerca do conceito de identidade: a identidade do sujeito do Iluminismo, a identidade do sujeito sociológico e identidade do sujeito pós-moderno. O sujeito do Iluminismo² era baseado numa concepção de pessoa como um indivíduo totalmente centrado, unificado, com capacidade de razão, consciência e acção. Este sujeito possuía um centro, que era o núcleo interior, o qual surgia quando do nascimento. O centro essencial desse sujeito era a sua identidade.

A identidade social e a pessoal fazem parte dos interesses e definições de outras pessoas em relação ao indivíduo, os quais podem surgir antes mesmo deste nascer. A identidade do eu é uma questão subjectiva e reflexiva, que deve ser necessariamente vivenciada pelo indivíduo (Goffman 1978:116).

Velho (2009:15) diz que a identidade individual do sujeito é construída da memória, através da visão retrospectiva e de projectos-visão prospectiva, olhando para atrás e para frente, o agente individual que denominamos de sujeito reinterpreta com maior ou menores ilusões o seu passado e o seu futuro.

²Iluminismo foi um movimento intelectual que ocorreu na Europa do século XVIII, e teve sua maior expressão na França, palco de grande desenvolvimento da Ciência e da Filosofia.

Segundo Vasconcelos e Vasconcelos (2002) o conceito de identidade refere-se ao esforço do indivíduo em realizar uma síntese de sua acção, equilibrando as forças internas e as externas que influenciam essa acção, a qual é fruto da inter-relação de sua realidade interior e da realidade externa construída pelo grupo social.

Segundo Woodward (2000) para que se compreenda como a identidade funciona é preciso conceitualizá-la e dividi-la em suas diferentes dimensões. Com frequência a identidade envolve reivindicações essencialistas sobre quem pertence e quem não pertence a um determinado grupo identitário. A identidade nesse sentido é vista como fixa e imutável.

4.2.2 Prostituição

Segundo Holanda (1986:1405) prostituição é acto ou efeito de prostituir-se, pode ser comércio habitual ou profissional do amor sexual. Por sua vez Gaspar (1984) diz que a prostituta é aquela que vende serviços sexuais em troca de uma quantia em dinheiro, uma prática onde se oferece sexo pra qualquer homem que dispões de valor combinado.

Segundo Andrade (2002) a prostituição pode ser praticada tanto em ambientes fechados, assim como em abertos. A autora distingue as duas formas de prostituição. A primeira é a prostituição em casas, na qual as mulheres são subordinadas à uma gerência superior. E a segunda forma é a prostituição de rua, na qual atrai-se o cliente em ambiente público.

Prostituição da rua:

Segundo Castro (s/d) As prostitutas que trabalham nas ruas permanecem de pé durante muito tempo, estão expostas às intempéries como também várias outras adversidades como o risco de sofrerem assaltos e violências físicas, a possibilidade da recusa de pagamento do cliente pelo serviço prestado o desconhecimento da origem e procedência deste e quando os períodos da chuva ou do frio intenso os clientes reduzem-se³.

As prostitutas que trabalham nas ruas fazem também ponderações que são pertinentes sobre as vantagens que lhes oferecem seu local, elas não estão vinculadas à gerentes de hotéis ou

³ Ver. CASTRO, Henrique Moreira de et al (s/d) *Territórios e territorialidades urbanas: olhares ambivalentes sobre a prostituição na metrópole mineira*. VI congresso Internacional de estudos sobre a diversidade sexual e de género da ABEH.

*cafetões*⁴, não são obrigadas a permanecer em quartos fechados, podem se deslocar de um lado a outro, conseguindo mais clientes e determinando seu próprio preço para a actividade (idem).

4.2.3 Risco

A definição de risco é uma construção cognitiva e social, não tendo a ciência a última palavra sobre os riscos ninguém é um expert, afirma Beck. Definindo o risco como uma forma, sistemática de lidar com os perigos e inseguranças induzidas, introduzidas pela própria modernização (Herculano et al 2000: 289).

Para Giddens (1991:95) nas culturas tradicionais ou pré-modernas, eram considerados ambientes de risco as incertezas futuras relacionadas às vicissitudes do mundo físico, a ameaça da violência humana por parte dos exércitos de pilhagem, senhores de guerra locais, bandidos, salteadores e a perda da graça religiosa ou a influência mágica maligna.

Niklas Luhmann (1993) propõe uma distinção entre risco e perigo, risco é quando possíveis danos são consequência da própria decisão e será mais adequado falar de perigos quando os danos ou perdas estão relacionados com causas fora do próprio controlo.

4.2.4 Percepção do Risco

De acordo com Costa (2006) os estudos de percepção de riscos surgem com o objectivo de investigar a preocupação do público leigo com as questões ambientais, oriundas de processos produtivos, tais como a produção mundial de garrafas plásticas, a contaminação dos rios por poluentes químicos e orgânicos, acidentes nucleares e também com riscos advindos de desastres naturais como enchentes, furacões e terremotos.

As abordagens importantes na percepção e aceitação de riscos são os estudos sociológicos e antropológicos, eles têm mostrado que a percepção e aceitação de riscos têm suas raízes, rotas em factores culturais e sociais (Slovic, 1987:281). A percepção de riscos é uma representação construída com base numa multiplicidade de factores, ela incorpora simultaneamente a experiência pessoal e as dimensões da realidade que transparecem nas avaliações técnicas (Lima 2005: 237).

⁴ Homens ou mulheres que estão na gerência no ramo sexual da prostituição, tornar pública a prostituta.

Na compreensão do Della Rocca (2002) as percepções de risco das pessoas envolvem um processo adicional frente ao risco que engloba uma avaliação num sentido da seriedade do risco, onde não importa a presença ou ausência de equidade dos efeitos. Mas no entender do Tavares et al (2009) o grau de percepção dos riscos varia de acordo com o tipo de comunidade, as experiências e histórias pessoais, sendo que o risco é influenciado pelo campo de aplicação do conjunto das suas partes.

Segundo Spink (2001) a percepção dos riscos relaciona-se entre o público e os riscos tecnológicos, estando associada, ao estudo da aceitação de determinadas tecnologias voltando-se também à perspectiva do controle preventivo dos riscos buscando, através da educação, influir nos comportamentos deletérios para a saúde do corpo e do meio ambiente.

4.2.5 Gestão do risco

Gerir os riscos “equivale, em muitos casos, a administrar os conflitos e as posições antagônicas”. Para isso, é fundamental que se definam normas de governança capazes de controlar os riscos que acompanham, sistematicamente, o processo de produção social de riquezas (Zanirato et al 2008 citando Veyret 2007:52).

Zanirato et al (2008) é preciso identificar e calcular os danos eventuais controláveis e definir o papel dos actores sociais, como os especialistas que avaliam os riscos, os políticos que buscam respostas à sociedade civil, que alerta sobre os perigos, debate e estabelece responsabilidades e a mídia, para informar o grande público e ampliar mobilizações.

O conceito de gestão do risco se move do grau simples ao complexo e do incerto para fenómenos ambíguos e é uma ferramenta útil para seleccionar o risco e encontrar estratégias para lidar com o mesmo (Zanirato et al 2008 citando Renn, 2003:1)

Segundo Zanirato et al (2008) a gestão dos riscos exige uma apreensão de suas múltiplas faces, ela não pode estar restrita aos aspectos técnicos que apenas indicam o grau de um acontecimento, é preciso ponderar a cultura e o género de vida das populações afectadas, as desigualdades sociais que estão no território.

CAPÍTULO V

5. Metodologia

5.1 Métodos e Técnicas

Para a realização da pesquisa recorreu-se a abordagem qualitativa, que realiza uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objecto, uma vez que ambos são da mesma natureza ela se envolve com empatia aos motivos, as intenções, aos projectos dos actores, a partir dos quais as acções, as estruturas e as relações tornam-se significativas. (Minayo e Sanches 1993: 244)

O material primordial da investigação qualitativa é a palavra que expressa a fala quotidiana, seja nas relações afectivas e técnicas, seja nos discursos intelectuais, burocráticos e políticos. O confronto da fala é tarefa complementar e concomitante da investigação qualitativa, que no entanto, em alguns casos limita-se ao material discursivo (idem).

A abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é banal, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objecto de estudo (Bogdan e Bikleim1994:21).

As técnicas de recolha de dados utilizadas no trabalho são: entrevistas semi-estruturadas, entrevistas colectivas, entrevistas individuais com recurso a gravador do telemóvel, anotações no diário de campo, observação directa, revisão da literatura e comparação de conteúdo das entrevistas.

O método qualitativo foi importante para perceber de cada prostituta as causas e motivações da entrada na prostituição e factores do risco que existem nessa actividade. As entrevistas semi-estruturadas deixaram os informantes a expressar-se a vontade e não só, visto que estas perguntas eram abertas e não fechadas, permitindo deste modo, aos informantes durante as entrevistas ter os momentos de avanço e de recuo de acordo com as perguntas.

Schmidt e Toniette (2008:103) A referência à pesquisa qualitativa de tipo participante está relacionada ao interesse na democratização das formas de produção e transmissão de conhecimento buscando, por isso, construir uma relação de colaboração e interlocução entre o pesquisador e os que são convidados a ingressar na pesquisa como “pesquisados”.

A entrevista colectiva permitiu captar diversas ideias das prostitutas e os diversos modos de agir dos clientes envolvidos no acto sexual. A observação directa permitiu perceber o quotidiano das prostitutas mecanismos de como se constrói a identidade na prostituição e as regras e estratégias de conquista de clientes. Sendo regra de um antropólogo no campo ouvir, ver perguntar e escrever.

As observações decorreram no período de noite e dia (*das 8horas da manhã até as 21horas da noite e das 22 até as 8horas*) da manhã do dia seguinte como objectivo de se inserir no local e compreender como são as negociações no período nocturno e como é no período diurno para ter mais informação de quando é que a movimentação tem mais fluxo.

Segundo Goldenberg (2000) o método qualitativo, em combinação com técnicas e instrumentos de observação, permite alcançar a informação pretendida apenas com poucos interlocutores, visto que o número dos entrevistados na pesquisa qualitativa não invalida a fiabilidade dos resultados.

O método qualitativo permite realizar uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objecto, uma vez que ambos são da mesma natureza. O método qualitativo permite também penetrar nos motivos, intenções e projectos dos actores a partir das quais as acções, as estruturas e as relações se tornam significativas (idem).

As entrevistas decorreram no período de tarde e pela manhã, com prostitutas com pouco tempo de actividade na prostituição como também com prostitutas com mais experiência nessa actividade, e como o lugar tem muita movimentação sempre existem prostitutas no local em todos os períodos do dia.

A fase teórica foi realizada com recurso a revisão da literatura que permitiu perceber e compreender as diversas maneiras de abordar questões relativas a prostituição com recurso a: revistas, revisão bibliográfica de artigos, Dissertações, livros disponíveis que abordam essencialmente os saberes ligados ao tema.

Na perspectiva do Schmidt e Toniette (2008:103) as interpretações e discursos deverão ser, obrigatoriamente, composições de ciência, senso comum, saberes populares e conhecimentos práticos, assinalando o diálogo, a negociação e o trabalho das diferenças sociais e culturais como fundamento da produção de conhecimento compartilhado.

A pesquisa decorreu com prostitutas com faixas etárias dos 15 aos 43 anos de idade, algumas com muitos anos de actividade e outras na fase inicial. Depois fez-se o cruzamento dessas informações e opiniões de cada prostituta, com base nas análises das acções e relações estabelecidas entre as prostitutas e os clientes naquele espaço social.

5.2 Dificuldades Durante o Trabalho de Campo

As dificuldades encontradas durante o processo de recolha de dados no campo do presente trabalho foram: A inserção nesse meio da prostituição que se mostrou bastante complexa e também a própria conquista do objecto (prostituta) para a entrevista, pois, as prostitutas quando vêem um homem naquele local só querem negociar o acto sexual, quando a conversa foge das negociações envolvendo as causas e motivações do porque estar na prostituição a prostituta desconfia sai a busca de um outro cliente.

No presente trabalho foi o primeiro contacto na vida com as prostitutas foi difícil convencê-las à uma entrevista. Existe ainda uma outra dificuldade que foi a de ter que fazer as observações durante a noite e de dia. Em alguns dias pernoitou-se no local do estudo de modo a observar os procedimentos de noite e madrugada.

A aproximação nas prostitutas foi muito difícil por elas temerem que o trabalho fosse de carácter jornalístico devido as intervenções que a Televisão Miramar e outros canais televisivos faziam a cerca da prostituição. Um outro constrangimento que correu durante o trabalho foi a falta de confiança das prostitutas para com investigador. Num dos casos tive que tirar a camisa para mostrar que não trazia câmeras de filmagem escondidas dentro da camisa ou micro-gravadores de voz.

Um outro constrangimento está relacionado com a segurança individual no campo de pesquisa, porque o meio social em que as prostitutas estão inseridas envolve muitos riscos, pelo facto de ser muito frequentado por marginais, larápios e consumidores de álcool e drogas. Contudo, para ultrapassar esses obstáculos adoptou-se meios estratégicos, fazendo amizades com os guardas das instituições como: Permar, Kubumba e outros da G4S que se situam ao longo da rua. Estes ajudaram-me na inserção do local e acolhiam-me durante a madrugada no momento da pesquisa.

CAPÍTULO VI

6. Apresentação e Análise de Resultados

6.1 O local de estudo

O local do estudo encontra-se na Cidade de Maputo concretamente na baixa da cidade na “Rua do Bagamoyo” que começa na praça 25 de Junho e vai até a Praça dos Trabalhadores. Ao longo da rua, é notável a existência de algumas lojas e estabelecimentos comerciais, edifícios feitos de blocos e cimento, com um (1) a três e quatro (4) andares. Como também pode ser observável a existências de bares, discotecas pensões e a antiga discoteca Luso que actualmente se chama Copa Cabana Night Club casa de (Strip Tease). Também existem algumas ruas que fazem entroncamento com a “Rua de Bagamoyo” como é o caso da Rua da Mesquita.

A “Rua do Bagamoyo” ilustra uma imagem de muita movimentação de pessoas e carros, principalmente no final da tarde, é notável também existência de guardas designados “G4S” como também mulheres (prostitutas) com roupas curtas acima dos joelhos, de diversas cores, na rua consome-se bebidas alcoólicas, cigarros é notável a presença de jovens procurando diversão ou prazeres sexuais.

6.2 O dia-a-dia das Prostitutas da Rua do Bagamoyo

A prática da prostituição da rua é de dia e noite, todos os dias, seja fim-de-semana, incluindo os feriados, quer faça chuva quer faça sol. Mas tem sido muito rentável nos fins-de-semana (Sexta-feira, Sábado e Domingo) no período em que a presença dos clientes é muito maior de manhã e de noite. Ao entardecer o número de prostitutas aumenta, das 16 as 18 horas da noite, decorre a prática até ao amanhecer, existem prostitutas que não abandonam o local da prostituição razão pela qual, ficam meses sem regressar às suas casas. Elas praticamente vivem na prostituição fazendo uma espécie de escalas, ora dormem nas casas dos clientes, ou na rua.

A roupa com a qual apresentam-se, é na maioria curta, isto é, roupas que se encontram acima dos joelhos: capulanas, saias, ceroulas, blusas, e calções. Quanto ao calçado, optam pelo sapato alto, sapatilhas e pelos chinelos. Nas tranças, elas preferem as tissagens e as menchas. Para guardar as suas coisas, sobretudo os preservativos, segundo elas, uma carteira ou bolsa é que soluciona perfeitamente o seu problema. Nos lábios, elas aplicam o batom, podendo diversificar a cor do

batom de vermelho pra cor-de-rosa. E também diversificam as cores das roupas usadas no local da actividade, possível notar cores como: vermelho, verde, amarelo, azul e branco.

Geralmente as prostitutas são encontradas em grupos de 3 a 6 indivíduos ou mais. Quando estão a espera dos clientes, elas aproveitam para descontraír, conversando e fazendo danças sensuais semi-nuas, fazem ainda, gestos chamando clientes “homens” mandando beijinhos ou um sinal ideofónico “psiu” e quando o cliente para, intercetam-no e perguntam: quer foder? Ou dizem não vamos numa foda?

A idade das praticantes da prostituição vária dos 15 aos 45 anos. São na sua maioria namoradas, chefes de famílias, solteiras e divorciadas, viúvas e estudantes, etc, que estipulam preços que variam entre 150 meticais e 350 meticais para a prática do sexo vaginal, nas pensões ou na esquina ao longo da rua. Os quartos das pensões variam de 100 a 300 meticais por hora, para cada prática sexual, os quartos de 100 meticais só tem uma cama dentro e os dos 200 a 300 meticais possuem uma cama tipo casal, uma casa de banho, toalhas e espelho.

No caso de o cliente solicitar os serviços sexuais em sua casa, o preço pode partir dos 450 Meticais até 1500 meticais dependendo da hora em que o cliente chega para negociar, quanto mais tarde for, o preço reduz, porque por vezes a prostituta encontra-se numa situação que não tem lugar onde dormir, a partir daí o preço por noite parte de uma negociação com o cliente. Mas não é consensual entre as prostitutas cada uma marca seu preço.

No caso em que o acto sexual decorre numa “esquina”, os guardas-nocturnos têm direito à uma comissão por cada entrada que parte dos 20 e 50 meticais dependendo do local onde o acto é consumado: nos corredores das casas de banho dos prédios, garagens, e armazéns ou prédios em construção existentes nas proximidades da rua em questão lembrando que a prostituição actualmente na “Rua do Bagamoyo” é feita o dia inteiro, ou seja, a prostituição é praticada 24 sob 24horas.

6.3 Motivação para a prática da prostituição

Lopes (2006) defende a ideia de que "o aspecto económico é que de facto impulsiona (em grande medida) à prática da prostituição. Alguns entram na prostituição à procura de meios de subsistência como a principal razão para prostituírem-se, aliado à factores como a falta de emprego, o divórcio, e a necessidade de sustentar filhos e familiares, tal como indica a entrevista:

Eu estou aqui na rua do Bagamoyo já há 4 anos, me separei de meu marido e não tenho emprego nem dinheiro pra sustentar os meus 3 filhos e meu ex-marido não quer pagar nada para garantir o sustento dos filhos porque não vivo mas com ele, estou aqui pra fazer crescer os meus filhos pra eles terem o que comer, ir a escola e ter uniforme. (Sara⁵ de 27 anos de idade)

A observação directa, entrevistas semi-estruturadas com recurso a histórias de vida, foi possível perceber que a entrada das mulheres nessa actividade é relativo dependendo de cada caso umas entram através de amigas ou primas próximas, outras individualmente:

Eu sou de bilene, vivo aqui em Maputo com meu marido ele é ajudante nas obras de construção é pedreiro só venho aqui na ausência dele porque as vezes tem tido trabalhos fora da cidade de Maputo venho aqui pra ajudar porque o dinheiro que ele apanha é pouco não chega pra as despesas de casa (Nilza 30 anos).

Já faz 8 anos estou aqui minha amiga que me trouxe aqui eu sabia o que ela fazia mas não gostava de ficar bater papo com ela porque pessoas da zona falavam muito ela aparecia na minha casa comprar sainhas e vestidinhos, um dia saímos juntos disse que íamos a praia de catembe e passou daqui disse alguém precisava de falar com ela me mandou parar foi foder quando voltou disse-me o que tinha que fazer pra cobrar tako os clientes, fiquei com medo só fiz com duas pessoas consegui 1200 meticais porque viram que era primeira vez então pagaram bem depois fiquei um mês sem vir pra cá (Zezinha 29 anos)

Algumas prostitutas entram na actividade individualmente por motivos de falta de dinheiro e emprego pra continuarem a pagar as contas ou pagar a escola:

Eu vim aqui na baixa sozinha pra ganhar dinheiro, ninguém me trouxe nesse lugar, já estou a me vender faz 8 anos venho aqui, porque não tive mas dinheiro pra pagar a escola deixei de estudar na 9ª classe, procurei emprego mas não consegui depois resolvi ganhar dinheiro assim sendo puta, o dinheiro que eu

⁵Os nomes apresentados na pesquisa não são os verdadeiros, por óbvias razões éticas de confidencialidade e respeito pelas informantes.

ganho a qui é pra me sustentar e outro dar minha mãe que tem 3 filhos com o meu padrasto que esta a trabalhar na africa do sul (Vânia 31anos).

Os baixos salários também contribuem para que as prostitutas possam aderir a actividade do que um emprego como diz Marisa:

Tou aqui por dinheiro não faço isso porque quer, já tentei procurar emprego mas pra trabalhar pra alguém que vai me dar 3000 mil meticais mensal enquanto eu posso fazer 5mil por dia e perder tempo, e nada posso fazer com esse dinheiro de salario mil vezes ficar aqui do que ter que acabar um mês e ter dinheiro que faço num minuto (30 anos Marisa).

6.4 Afirmação e legitimação da identidade nas prostitutas da rua do Bagamoyo

Segundo Hall (2011) a identidade é realmente algo que vai se formando ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Mas Fernandes (2006) diz que a identidade pessoal refere-se ao modo como o indivíduo define suas características próprias, seu autoconceito, geralmente comparando-se com outros indivíduos.

Quisemos saber das prostitutas qual é o seu autoconceito nessa actividade ou como é que elas definem-se a si próprio e aos seus colegas.

É difícil dizer qual é a minha identidade ou como chamo o que eu faço porque o nome que uso pra chamar aquelas meninas será o mesmo pra mim também (...) mas aquelas pessoas são putas eu também sou (risos...) sou uma puta quase (Mércia 29 anos, 10 anos na prostituição).

O que é uma puta? O que te faz puta?

Putta é uma mulher que abre as pernas para qualquer pessoa, como eu também faço isso sou puta (risos) porque dou aquilo que no corpo de uma mulher tem muito mais valor por isso que os homens pagam nem!!! (Mércia 29 anos)

Eu não diria que sou puta néh! Isso é pesado mas sim sou uma menina da noite que vende sexo porque passo noites e dias aqui até já me esqueci como é estar de noite na minha casa (Cecília 19 anos)

Segundo Woodward (2000) as identidades não são unificadas e no processo de sua construção, devem ser negociadas. Um indivíduo pode, em determinadas circunstâncias, se ver em uma difícil situação ao dizer que todos no grupo são iguais, mas ao mesmo tempo diferentes:

Eu sou diferente da maioria das putas daqui que nem sabem o que fazem com o dinheiro andam a comer as gajas de borla, mas eu posso dizer que sou uma vendedora de sexo porque estou a vender sexo meu corpo então chamo me vendedora do sexo e ganho dinheiro por isso (Tininha 36 anos).

Putas posso dizer que são aquelas que estão na rua da mesquita porque vendem-se por 50 meticais, nem sei o que fazem com esse dinheiro já eu sou uma vendedora do sexo porque não aceito qualquer um me subir só por 50 eu cobro três dedos (Isaura 28 anos)

Goffman (1975) diz que manipulação exercida pelo indivíduo no meio social, é como peça de teatro onde o indivíduo vive de aparência e não tem a consistência de si mesmo, obedece o que é determinado pela colectividade que impõe a sua forma de viver, de se comportar de tal forma que ele vive como um camuflado atrás de modelos aceites na sociedade.

Eu posso me considerar vendedora do sexo ou uma puta para mim não faz mal mas sou uma puta no momento que estiver aqui porque não estou todo momento aqui como outras, assim que hoje é domingo estou aqui pra fazer um pouco de dinheiro essa manhã as 11 horas vou embora porque tenho que ir a igreja no momento que eu estiver lá nem você pode me reconhecer porque estou de capulanas sou uma cristã como as outras e ninguém sabe que venho pra aqui na baixa mas também depois de lá vou a xtiqie bater papo com bradas aquelas cenas e beber, conviver com os que Tikao comigo saio de lá às 20h e tal, posso voltar aqui vou ficar em casa descansar (Clarinha 30 anos)

Neste contexto a prostituta também vive o que a sociedade determina na rua da sua actividade é prostituta mas em casa ou em outras ocasiões é filha, mãe, estudante, cristã e madrinha.

Segundo Goffman (1978) o processo de encobrimento da identidade estigmatizada torna-se um ciclo que pode começar com um encobrimento inconsciente que o interessado pode não descobrir nunca.

Eu nunca revelo o que faço mesmo no chapa encontro-me com pessoas que perguntam o que faço naquele momento de bater papo mas só digo que vendo refrescos na baixa não posso dizer que sou uma puta no chapa pah! Como também só venho aqui de manhã (Celestina 27 anos)

As roupas que nós vestimos aqui curtas são pra os homens apreciarem e ficarem tesos com vontade de bater (foder..) e não passar despercebidas mesmo se você fosse mulher vir aqui nessa vida também ia vestir assim como uma puta. (Guida 35 anos).

Segundo Castells (1999) a identidade é o “processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o qual prevalece sobre outras fontes de significado.

A identidade das prostitutas da “Rua do Bagamoyo” é de puta, vendedora do sexo. Contudo, os ternos são diferentes mas a prática é a mesma e pode haver identidades múltiplas, sendo esse facto fonte de tensão e contradição.

6.5 Estratégias de Manipulação dos preços

As prostitutas alteram, reduzem, e manipulam os preços exigidos por cada acto sexual aos seus clientes exigindo valores altos para depois reduzirem com o processo de negociação do cliente.

Eu estou aqui na baixa nessa vida já faz 3 anos quando cheguei aqui não conhecia os preços de me vender mas minha prima que me trouxe aqui disse que tinha que marcar o preço a partir de 500 meticais para quando o cliente pedir descontos baixar até os 300 meticais, no mínimo podia dar por 250 meticais, porque se eu marcar logo 300 meticais poderia sair com pouco dinheiro por causa dos descontos (Isabel 24anos).

Não existe um consenso no que diz respeito aos valores cobrados ou estipulados pelas prostitutas como diz a Laura:

Eu cobro 300 meticais para alguém me foder mas se for pra fazer brocha e punheta o tako pode subir até 500 a 800 meticais dependendo dos dias porque se o tipo passa daqui eu chamo e ele chega perto pergunto se quer foder e ele me diz

só tenho 300 mas quer brocha se eu deixar outra puta vai aceitar e vai levar dinheiro melhor eu fazer mesmo assim com esse valor (Laura 23anos)

De acordo com tipo de sexo feito o valor aumento dependendo do que o cliente solicitar sendo que pode ser vaginal ou oral que envolve felação/Fellatio, cunilíngua/Cunnilingus.

Posso cobrar 600 meticais ou mais pra fazer broche porque mesmo esses homens que vem aqui não nos fazem minete mas eles querem pra nos fazermos sexo oral então é muito caro porque ate faço pra o homem ficar feliz (verónica 29 anos)

Para arrecadação de mais dinheiro na prostituição as prostitutas envolvem-se com mais de 10 homens por dia:

Posso cobrar 300 meticais mas se o gajo aparece sem esse dinheiro quanto ainda não tive dinheiro e ele pede desconto faço mesmo por 250 ou por 200 porque existem dias que não há muito movimento mesmo por 150 posso levar (Mariza 38 anos)

Hoje em dia faço, depende quanto faço porque existem dias sem movimento e dias com movimento às vezes faço 5 mil meticais nisso fazendo sexo com 8 a 10 pessoas existem aqueles homens que pagam muito pode chegar lá dar 500 meticais ou 1000 (mil) meticais enquanto cobrei 350 meticais acho que faz isso se tiver gostado ou porque trato bem a ele (Joice 31anos)

6.6 Factores de risco na prostituição

Segundo o Coso (2004) o risco é a “possibilidade de um evento ocorrer e afectar negativamente a realização dos objectivos”. As prostitutas sabem dos riscos de infecção de DTS ao praticar sexo sem (uso do preservativo) e mesmo assim elas fazem mediante ao pagamento de um valor acima do que cobram como: 1000 meticais, ou com clientes fixos como indicam as nossas entrevistas:

Eu tenho um cliente fixo que vem me foder sem o preservativo, o dinheiro ele deve me dar no mesmo dia não aceito que ele vir me fazer sem dar o dinheiro, depende por vezes me da 800 meticais 500 depende o que tiver no dia pode dar (Valeria 32 anos).

A entrevistada ainda explicou o seguinte:

Tenho uma amiga que tem clientes fixos e ela tem 3 filhos todos de pais diferentes. Foi engravidada aqui mesmo na baixa, ela conhece os pais dos seus filhos e tem certeza de que são eles, mas o que é difícil é encontrar ou manter contacto com eles sendo assim ela sustenta os filhos sozinha (idem).

Estoque de conhecimento é algo que existe no imaginário dos actores sociais, e reproduz-se num fluxo, em função do qual, dependendo de determinadas situações ou circunstâncias, os indivíduos ou actores sociais a qualquer altura são susceptíveis de mudar de opinião, e orientar-se à margem da educação inculcada” Schutz (1979).

Eu também tenho filhos mas os meus filhos são do mesmo pai não gostaria de engravidar aqui novamente com outros clientes porque esses dois filhos que tenho agora o primeiro engravidei aqui mesmo com meu cliente que agora é meu marido (Valeria 32 anos).

Com a entrevista da Valeria e das outras contribuintes nota-se que o risco que as prostitutas temem muito não é de doenças sexualmente transmissíveis como (ITS) ou de (VIH) mas sim da gravidez indesejada.

Eu tenho uma amiga que está infectada pelo vírus do HIV/SIDA, ela brincava muito mal na verdade, agora ela para na rua dos 50 meticais (hahaha) lá perto da rua da mesquita todo mundo conhece preço lá é esse 10 meticais pra esquina (Lurdes 43 anos).

Na perspectiva do Alvarez (2005:46-47)“as práticas sexuais anais, vaginais ou orais não protegidas com um indivíduo infectado e que impliquem contacto directo do esperma do líquido pré-ejaculatório ou secreções vaginais com as mucosas (ânus, vagina e boca), são factores de risco independente, ainda que debaixo risco para a transmissão do vírus, sobretudo para indivíduos com feridas e inflamações bucais”.

Já fodi com três homens pagaram 1000 meticais todos juntos mas não entraram todos ao mesmo tempo, entra um bater depois entra outro bater sair deixar pra outro. Porque se entrarem todos ao mesmo tempo podem querer fazer geral meter no cú e na boca quanto esse preço é pra vagina só (Delfina 29anos)

Eu não faço sexo atrás no cú nem quer fazer mesmo broche se vir alguém aqui e não ficar tesos o problema é com ele eu nem quero saber disso, (Maninha 26anos, há 4 anos já na vida de prostituta).

Existem violência e roubo feito por larápios saqueadores que têm vitimado determinados clientes e jovens que se fazem presentes na “Rua do Bagamoyo” com objectivo de manter relações sexual ou diversão. Os clientes sofrem assaltos de computadores portátil (laptops), telefones e dinheiro dentro das viaturas ou fora delas e na faltam desses bens os ladrões recorrem as prostitutas que são violentadas e arrancadas o dinheiro:

Existem muitos moluenes que nos roubam dinheiro você até pode queixar na polícia eles ficam lá por algumas horas mas dois por três eles estão fora pagam dinheiro e saem (Lúcia 24 anos)

Disse ainda a entrevistada quando perguntando acerca dos guardas que ali estão presentes nos prédios e bares:

Esses guardas não estão pra controlar ou nos proteger nem carros eles não vigiam, no caso de uma guarda reagir ao assalto os marginais daqui vão chamar os amigos voltam em grupo vem te cortar com garrafas estragam seu corpo que nem podes mas ficar aqui na baixa porque ninguém vai conseguir te olhar, os assaltos acontecem enquanto todos estão aqui mas ninguém faz nada cada um por si (Lúcia 24 anos).

Um outro risco que existe na prostituição é o consumo excessivo de drogas, Álcool pelas prostitutas.

Eu bebo e fumo mas quando entrei nessa vida não fumava uma amiga ai me ensinou a beber no início só bebia spin, mas agora bebo cerveja, vinho, secas e outras cenas depois comecei a fumar cigarros e soruma mas tudo isso fazia pra ganhar coragem e influencias dos bradas negava nos primeiros dias mas depois fui experimentando aos poucos (Zulmira 38 anos)

6.7 Percepções do risco na prostituição

Entende-se por percepção do risco a forma como os não especialistas referidos como leigos ou público pensam sobre o risco, e refere-se à avaliação subjectiva do grau de ameaça potencial de um determinado acontecimento ou actividade (Lima 2005: 203). As prostitutas têm conhecimentos e percepções sobre mecanismos de prevenção de DTS como mostram as entrevistas:

Eu sempre vou para o hospital fazer teste porque quando estou com meu marido faço sexo sem usar o preservativo e ele viaja muito porque é motorista da FADM e não estou segura de que ele não faz sexo quando estiver fora até porque ele me conheceu aqui mesmo nessa vida (Magda).

Por mais que as prostitutas tenham noção dos riscos que correm na prostituição como de doenças sexualmente transmissíveis elas fazem o sexo sem usar o preservativo.

Na primeira vez que fiz sexo sem preservativo aqui na baixa foi com meu cliente fixo que agora é meu marido ele vinha sempre e só fazia sexo comigo quase sempre que ele aparecia aqui vinha a minha procura (Mafalda de 36 anos)

Gune (2008:304) A dispensa do preservativo é apresentada como podendo resultar da segurança que os actores sociais atribuem às relações nas quais estão envolvidos. Assim, considera-se dispensável o seu uso quando a prática sexual envolve parceiros (as) habituais, em quem se deposite confiança, sejam eles solteiros ou casados.

Existem muitas meninas aqui na baixa como noutros lugares que têm parceiros fixos e fazem o sexo sem preservativo mas não é fácil ela contar para qualquer pessoa isso é segredo de cada menina (Matilde 18 anos)

Tem aparecido clientes por aqui pra foder quando estão no momento da foda dizem muitas coisas até que querem casar comigo porque sou linda, que sou gostosa e boa mas nem tudo isso é verdade ele casaria com alguém que abre as pernas pra todos homens?! Eles só dizem isso pra quando voltarem no dia seguinte não pagar (idem).

As prostitutas reclamam pelo maior tempo que os clientes levam duramente o acto sexual e por algumas vezes pela emoção ou certa negociação acabam tirando o preservativo e manter relações sem o seu uso. Nesses casos, existe um certo risco das prostitutas serem agredidas pelo cliente caso não recompense o elevado tempo durante o acto sexual:

Veio um gajo aqui pai que me fudeu até ver as tripas pela vagina, esse gajo fode e demora muito, muito mesmo (risos....) nem sei porque (Júlia 28 anos)

Existem vezes que ele aparece aqui eu digo não que ele deve aumentar dinheiro porque o tempo que o gajo leve é muito mesmo não sei se ele toma algo ou seja o organismo dele, mas nem só ele existem muito homens que quando fodem demoram gozar (risos.....) ou melhor disparar não sabes disso (idem).

Quando algo assim acontece o que você tem feito?

Quando acontece isso pai ele deve pagar as consequências tipo aumentar dinheiro porque o tempo que ele leva na foda estaria a tender mais de três clientes o gajo fode e demora 1 hora e 30 minutos a me foder depois de eu reclamar disse que ia aumentar 50 meticais nos 300 meticais que havia pago mas depois de uns 30 minutos quando ele estava a gostar ele tirou o preservativo disse que ia aumentar 800 meticais aceitei foder com ele assim mesmo (Júlia 28 anos).

Um mulato veio aqui foder demorou muito eu disse que queria sair ele negou ele me fodeu 1 hora de tempo ele não disparava eu comecei a gritar a chamar os guardas pra assustar a ele mas ele continuava a me foder mesmo assim, Depois empurrei pra ele sair quando ele disse que era pra devolver 50 meticais eu neguei depois ele partiu uma garrafa e me cortou na boca (Sandra 35 anos).

Na perspectiva do Stoffleet al (1991) A percepção do risco pode sim constituir-se como preditor consistente das respostas dos indivíduos e comunidades, em caso de acidente ou desastre, e deriva de um número alargado de fontes, distribuída de variadas formas na população.

6.8 Mecanismos de gestão e manipulação dos riscos

Segundo Zanirato et al (2008) A gestão dos riscos implica acções preventivas sobre o espaço de risco onde existem as ameaças. As prostitutas possuem alguns mecanismos de gestão e manipulação dos riscos como diz Maria:

Antes de eu tirar roupa o cliente deve me pagar porque existem daqueles homens que vem foder depois não querem pagar já aconteceu comigo como com outras amigas que estão por aqui (Maria 35 anos)

Eu venho quase sempre aqui de manhã não venho de noite só nos primeiros dias vinha mas agora não porque disse a minha família que estou a trabalhar assim que eu sair de noite todos dias podem desconfiar de mim tenho um pouco de medo (Silvina 18 anos)

Segundo Duclos (1986) a prevenção do risco é tanto prática quanto simbólica uma vez que os mecanismos de gestão e manipulação destinam-se mais ao estilo e modo de relações sociais entre os profissionais no local de trabalho:

Eu não venho aqui nos finais de semana nem de noite só venho de segunda a sexta, nos finais de semana há muito movimento e enche muito aqui então existem muitos marginais que arrancam coisas nas pessoas como pra putas, sofrem muito por isso (Graça 47 anos)

Eu tenho usado preservativo tenho muitos preservativos, mesmo em casa tenho numa caixinha não sei quantos uso por dia se eu não tiver posso pedir aos guardas aqui ou a amigas porque nem todos clientes vem enquanto tem preservativo (Mirela 19 anos)

As prostitutas tem noção dos riscos que existem nessa actividade e sabem como fazer gestão mas isso é relativo para cada prostituta porque mesmo sabendo do risco que elas podem correr ao se deslocar para casa do cliente porque por vezes chegam lá encontram mais de dois homens inesperadamente e nesses casos a prostituta é obrigada a manter relação sexual sem o preservativo com todos os homens.

Considerações Finais

O trabalho aqui apresentado centrou-se na compreensão da vida das prostitutas da “Rua do Bagamoyo” suas identidades nessa actividade e nos riscos que elas enfrentam. Tendo em conta que elas se fazem presentes na Rua de dia e de noite. E ainda, o motivo da prática da prostituição.

Em jeito de conclusão, constata-se que a identidade das prostitutas da “Rua do Bagamoyo” é uma construção que tem uma relação com o local da prostituição. A prostituta tem um autoconceito de puta ou vendedora do sexo quando estiver no local da actividade. E essa identidade é construída, manipulada e gerida localmente, mas sempre em articulação com a vida quotidiana “normal” fora daquele lugar.

Neste contexto, o grupo de prostitutas apresenta características que as identificam como: a linguagem, as roupas curtas que modelam o corpo como vestidos ou saias acima dos joelhos que deixam as pernas expostas. As roupas são de diversas cores e muito fortes, maquilhagens fortes, decotes exibindo os seios.

A identidade de puta ou vendedora do sexo é uma construção, pois essa profissional do sexo está relacionada à outras esferas identitárias da vida social como a de ser estudante, namorada, cristã filha, etc. Para Goffman (1988) o entendimento do processo de construção de identidades estigmatizadas pode ser visualizado pelo que chama de informação social, transmitida pela própria pessoa através da expressão corporal na presença imediata daqueles que a recebem.

Portanto, constata-se que essa mulher se empenha constantemente em manipular ou acobertar a sua identidade de prostituta porque é vista pela sociedade e por ela como uma identidade desviante. Sendo assim, essa identidade precisa ser acobertada e manipulada, só pode ser revelada no local da actividade sexual onde é compartilhada por várias outras prostitutas.

Nesse sentido Fernandes (2006), afirma que o aspecto importante para a sobrevivência de um indivíduo é a necessidade de construção de uma identidade, uma noção de totalidade que o leve a fazer convergir em uma imagem de si mesmo as muitas facetas do seu modo de ser, os vários papéis que ele representa em diferentes momentos da sua experiência social.

N a perspectiva dos autores Oliveira (2008), Lopes, Rabelo, Pimenta (2007) Barreto, Prado (2010) os motivos pelos quais essas mulheres entram para a prostituição na maioria dos casos estão relacionados com uma vida de dificuldades, miséria, insatisfação, desemprego. Elas viram na prostituição, inicialmente, a possibilidade de conseguir uma fonte para sobreviver. Isso também fica explícito por meio das falas das entrevistadas.

Com as interpretações, observações e entrevistas sobre a motivação da prática da prostituição notou-se que o motivo da prática da prostituição é relativo para cada prostituta, nem sempre a causa é a falta de dinheiro ou falta de emprego, mas sim por desejo de querer divertir-se, querer liberdade e acabam no ambiente da prostituição com influência das amigas e o ambientes de discotecas e casas noturnas. Nesse sentido, concordamos com a ideia de Souza (2007), segundo a qual além de aspectos económicos, existem outros elementos que favorecem o ingresso na actividade de prostituta. Dentre esses elementos encontra-se o desejo de divertir-se ou livrar-se de um casamento opressor.

Foi possível notar que a “Rua do Bagamoyo” é muito frequentada por diversos indivíduos visto ter bares, pensões e prostitutas para os prazeres sexuais, a mesma, proporciona o maior risco para as prostitutas porque o lugar é frequentado por marginais como de clientes que por vezes aliciam as prostitutas com um valor muito acima do cobrado para manter relações sexuais e outras fantasias sexuais que cada cliente necessita.

Segundo Douglas e Wildavsky (1982) o risco é socialmente construído, e, por vezes, afigura-se como algo incontrolável, visto que nós nem sempre conseguimos saber se aquilo que estamos a fazer é suficientemente seguro para prevenir a ocorrência de acidentes ou de efeitos indesejados.

Como as entrevistas semi-estruturadas e o método qualitativo a principal fonte de colecta de dados, os discursos das prostitutas foram analisados cuidadosamente. Os riscos nessa actividade existem quando a prostituta se desloca com o cliente para uma pensão ou quando o cliente solicita os serviços para sua casa porque ela pode correr o risco de ser tirada o dinheiro, fazer a relação sexual sem usar o preservativo ou mesmo com vários homens em simultâneo estando vulnerável para contrair DTS ou HIV/SIDA gravidez indesejada e mais doenças.

Referências Bibliográficas

ALVAREZ, M. (2005) *Representações Cognitivas e Comportamentos sexuais de Risco: O guiaio e as Teorias Implícitas da Personalidade nos Comportamentos de Protecção Sexual*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian & Fundação para Ciência e Tecnologia.

ANDRADE, Ivanise (2011) *Prostituição e exploração: comercialização de sexo jovem*. Disponível em: <<http://www.caminhos.ufms.br/reportagens/view.htm?a=45>>. Acesso em: 15 de setembro de 2015

ANDRADE, Maria Cristina Castilho de. (2002) *Mulheres prostituídas*. Videtur-Letras, São Paulo, n. 5, abr. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/seminario/sem2/index.htm>>. Acesso em: 10/09/2015.

BARRETO, L. C. e PRADO, M. A. M. (2010) *Identidade das prostitutas em belo horizonte: as representações, as regras e os espaços*, São Paulo, São-Joãodel-Rei.

BECKER, Fernando (1994) O que é o construtivismo? *Ideias*, n. 20. São Paulo: FDE Pp 87-93. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_20_p087-093_c.pdf>. Acesso em: 14 de Novembro. 2015.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. (1994) Investigação qualitativa em Educação: fundamentos, métodos e técnicas. In: *Investigação qualitativa em educação*. Portugal: Porto Editora, Pp. 15-80.

CARAPINHEIRO (2001) “A Globalização do risco social” In santos. [org] *globalização fatalidade ou Utopia*. Porto, Edições Afrontamento.

CASTELLS, Manuel. (1999). *O poder da identidade*. Tradução KlaussBrandiniGerhardt. São Paulo, Volume II, Paz e Terra.

CASTRO, Henrique Moreira de et al (s/d) *Territórios e territorialidades urbanas: olhares ambivalentes sobre a prostituição na metrópole mineira*. VI congresso Internacional de estudos sobre a diversidade sexual e de género da ABEH.

CECCARELLI, Paulo Roberto (2008) *Prostituição – Corpo como mercadoria* In: *Mente & Cérebro – Sexo*, v. 4 (edição especial), dez. 2008. Disponível em [www. Ceccarelli. Psc.br](http://www.Ceccarelli.Psc.br)

COSO (2004), *Enterprise Risk Management – Integrated Framework*

COSTA Maria Angélica (2006) *Percepções sócioambiental e qualidade de vida dos Moradores de Pirapora do Bom Jesus – SP*. Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado, Instituto Oswaldo Cruz.

DELLA ROCCA, F.F. (2002) *A percepção de risco como subsídio para os processos de gerenciamento ambiental*. São Paulo: IPEN. Tese de Doutorado

DOUGLAS, Mary & WILDAVSKY, Aaron, (1982). *Risk and culture: An essay on the selection of technological and environmental dangers*, Berkeley, CA: University of California Press.

DUBAR Claude, (2006) *A crise das identidades A Interpretação de uma Mutação*. Edições, Afrontamento, edição 1015.

DUCLOS, D. (1986). *La construcción social del riesgo: les cas des ouvriers de la chimie face aux dangers industriels*. Pires: conservatoire National des Arts et Métiers.

ENGEL, Magali. [1989]. (2004) *Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Brasiliense.

FERNANDES, Ribeiro et al (2006) *O Processo de Construção e Reconstrução das Identidades dos Indivíduos nas Organizações*. Rio de Janeiro, Brasil. RAC - Revista de Administração Contemporânea, vol. 10. Disponível em: <http://www.n.pedagogica.unep.br/articulo.oa?id=84010104>

FRAGOSO, Heleno Cláudio. (1965) *Lições de Direito Penal*. Parte Especial. 2. Edição. São Paulo: José Bushatsky, v. 3.

GASPAR, M. D. (1984) *Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

GIDDENS, Anthony (1991) *As consequências da Modernidade*. São Paulo, tradução de Raul Fiker. Editora UNESP, 5ª Reimpressão

GOIS, Bolsista: Maíra Lima de (2008) *Representações Sociais dos Direitos Humanos: Um estudo sobre as auto-percepções e percepções da prostituição feminina em Aracaju*. Relatório, Universidade Federal de Sergipe pró-reitoria de pós-graduação e pesquisa. Departamento de Psicologia. Disponível em : <http://gruponsepr.wordpress.com>

- GOFFMAN, Erving. (1975). *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Brasil: EDITORA VOZES. 10 Edição.
- GOFFMAN, Erving. (1978) *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 2 Edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- GOFFMAN, Erving, (2002), *O Interacionalismo Simbólico*, Editora Papyrus, Lisboa.
- GOLDENBERG, M. (2000) *A Arte de Pesquisar: Como Fazer uma Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record.
- GUILAM, M.C.R. (1996) *O conceito de risco: sua utilização pela epidemiologia, engenharia e ciências sociais*. Rio de Janeiro: Fiocruz. Dissertação de mestrado.
- GUNE, Emídio. (2008). *Momento Liminares: dinâmicas e significados no uso do preservativo* *Análise Social*, XLIII (2º) Pp 297-318.
- FLORÊNCIO, Fernando. (2002) “ Identidade Ética e práticas políticas entre os Vandau em Moçambique” *Cadernos de Estudos Africano*. Lisboa: No 3, Julho/Dezembro. Pp.42-43.
- GRANJO, Paulo. (2004) *Quando a identidade é um perigo: consequências das mutações identitárias na refinaria de Sines*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- FRAGOSO, Heleno Cláudio. (1965) *Lições de Direito Penal*. Parte Especial. 2. ed. São Paulo: José Bushatsky, .v. 3.
- HALL, Stuart. (2011) *A identidade Cultural na pós-Modernidade*, Rio de Janeiro, tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro, 11ª edição. Editora DP&A.
- HERCULANO, Selene et al (2000) *Qualidade de vida e Riscos ambientais*, Niterói, Rio de Janeiro, EdUFF - Editora da Universidade Federal Fluminense
- HOLANDA, Aurélio Buarque de. (1986) *Novo Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- KOLLURU, R. (1996) *Risk Assessment and Management: a Unified Approach*. In: Kolluru, R.; Bartell, S.; Pitblado, R.; Stricoff, S. *Risk Assessment and Management Handbook: for Environmental, Health and Safety Professionals*. Boston, Massachusetts: McGraw Hill.

LIESEGANG, Gerhard. (1998) “Territorialidades Sociais e Identidades com Referência a Moçambique”. In: SERRA, Carlos. *Identidade, Moçambicanidade e Moçambicanização*. Maputo, UEM, Pp. 112-135.

LIMA, Maria Luísa (2005): “*Capítulo 7. Percepção de Riscos Ambientais, em Contextos Humanos e Psicologia Ambiental*, Luís Soczka, Lisboa, Edições Calouste Gulbenkian, págs 203-245.

LIHAHE, Danubio (2004). *Vidas Sobre Caris*. Maputo: UEM/DAA, Tese de Licenciatura em Antropologia.

LOPES, C.S; RABELO, I.V.M; PIMENTA, R.P.B. (2007) *A bela adormecida: estudo com profissionais do sexo que atendem à classe média alta e alta na cidade de Goiânia*. Revista Psicologia Social, v. 19, Pp: 69-76.

LUHMANN, Niklas (1993) *Risk: A Sociological Theory*. New York, Aldine de Gruyter.

MADUREIRA PINTO, José. (1991). “ *Considerações sobre a produção social da identidade*” In Revista Crítica de ciências sociais. Porto, No 32, Julho.

MA-SCHAMBA (2010) *Deus, o negócio e o pecado na rua araujo em Lourenço Marques*. Disponível em: <http://ma-schamba.com/roupa-velha/deus-o-negocio-e-o-pecado-na-rua-araujo-em-lourenco-marques/>. Acessado em 10 de novembro de 2015.

MENDES, Felismina (2002) *Risco: um conceito do passado que colonizou o presente*. VOL. 20, N°2, Revista Portuguesa de Saúde Pública.

MINAYO, Maria cecília. e SANCHES, Odécio 1993. “Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade”. In: *Cadernos de Saúde Publica*. Rio de janeiro 9 (3): 239-262.

MUIANGA, Baltazar. (2009). *Risco e Saúde no contexto do VIH\Sida, o caso da prostituição na Baixa da Cidade de Maputo*, Março.

OLIVEIRA, M. Q. (2008) *Prostituição e trabalho no baixo meretrício de Belo Horizonte: o trabalho da vida nada fácil*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social), Universidade Federal de Minas Gerais – MG.

PINA-Cabral. João. (2003). “*Identidades Inseridas: Algumas divagações sobre a identidade, Emoção Ética*” In instituto em ciências sociais.

PRESTÍGIO (2009) “Ela existe e floresce, mas continua Tabu para muitos moralistas. A prostituição: legalizar ou não?” (orgs) Nambale, Rafael e Vasconcelos, Abalade In *Revista Mensal de Moçambique* Pp 20-22

ROBERTS, Nickie. (1998) *As prostitutas na história*. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos tempos.

SILVA, A P. & BLANCHETTE, T G. (2005) Nossa Senhora da Help: sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana. *Cadernos Pagu*, v. 25. Pp 249-280

SCHMIDT. Maria Luisa. S. & Toniette, M.A (2008). A relação pesquisador-pesquisado: algumas reflexões sobre a ética na pesquisa e a pesquisa ética. In: *Ética nas pesquisas em ciências humanas e sociais na saúde*. Iara Coelho Zito Guerriero, Maria Luisa Sandoval Schmidt, Fabio Zicker (Orgs.). Aderaldo & Rothschild, Editores. São Paulo. Pp 102-107.

SLOVIC, Paul, (1987). *Perception of risk*. Science

SLOVIC, Paul, (2001) “*The risk game*”, Journal of Hazardous Materials, vol. 86

SPINK MJ. (2001) *Trópicos do discurso sobre risco: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia*. Cad Saúde Pública.

STOFFLE, et al (1991) “Risk Perception Mapping: Using ethnography to define the locally affected population for a low-level radioactive waste storage facility in Michigan”, *American Anthropologist*.

TAVARES et al (2009) “Risk Perception, Extreme Events and Institutional Trust: A local survey in Portugal”, in Radim Bris, Carlos Guedes Soares e Sebastián Martorell (orgs.), *Reliability, Risk and Safety: Theory and applications*. London: Taylor & Francis Group, Pp-1240-1250

VASCONCELOS, Isabel & VASCONCELOS, Flávio (2002) *Gestão de recursos Humanos e identidade social: um estudo crítico*. São Paulo, Revista de administração de empresa, Disponível em: (RAE. V. 42 n.1. Pp 64-78. In [http:// www.rae.br/ artigos/1054.pdf](http://www.rae.br/artigos/1054.pdf))

VELHO, Gilberto. (2009). Antropologia Urbano: *Encontro de Tradições e Novas Perspectivas*, sociologias, problemas e práticas, No 59, Pp. 13-15.

WOODWARD, Kathryn. (2000) Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes.

ZANIRATO Et Al (2008) *Sentidos do risco: interpretações teóricas*. Biblio 3W, Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, Vol. XIII, nº785,a. Acesso em: 10 de Outubro de 2015 Outubro 2015. <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-785.htm>>. [ISSN 1138-9796].

ZANIRATO, Silvia Helena (2010) *Avaliação da vulnerabilidade socioambiental em cidades brasileiras. Um estudo sobre a cidade de Ouro Preto*. Porto Alegre. Associação dos geógrafos brasileiros Pp 1-9.